

ACONTECEU!



Marta Rocha na cidade

Todos queriam ver a mais bonita do mundo

Nós, as modelos

Desfile de maiô e convite da Catalina

O dentista assassino

O crime que chocou a cidade

Coincidência?

Mesmos nomes, mesma idade



Marta Rocha na cidade

José Carlos Marão

Todo mundo queria ver de perto: afinal, era a mulher mais bonita do mundo. Vinha para Ourinhos!

Marta Rocha tinha sido uma comoção nacional. Primeira Miss Brasil, foi segundo lugar no Miss Universo por causa de duas polegadas a mais. Ora, para os padrões tupiniquins, duas polegadas a mais no quadril eram motivo para ganhar e não para perder.

Se alguém viu de perto, mesmo, foram dois dos participantes aqui destes criadores do “Na Poeira da Velha Ourinhos”: Joaquim e Alfredo Bessa. A Miss Brasil ficou hospedada na casa deles.

Aconteceu que dona Virgínia Bessa era a presidente da Caixa Escolar do Grupinho, que fornecia material para as crianças pobres. A Caixa Escolar estava sem caixa. Conta o Joaquim que esse assunto foi conversado em sua casa, com o doutor Durval da Gama Filho. Ele era da Bahia. Sua irmã que morava no Rio, era amiga da Marta. Por que não trazer a Marta?

Deu certo!

Uma comissão que tinha, entre outros, dona Gininha Bessa e o professor Dalton Morato Vilas Boas, criou um baile em que seria escolhida a Miss Elegância, em benefício da Caixa Escolar. E aí foi envolvido também o Mário Cury, presidente do Grêmio.





Ela veio, segundo o blog Memória de Ourinhos, em 29 de junho de 1955, uma quarta-feira.

Lembra o Joaquim que ele e o pai foram recebê-la em Jacarezinho, onde pousava o avião da Real Aerovias. A Real era uma das patrocinadoras da Marta.

Em casa, as “crianças” foram deslocadas para outro quarto e nem jantaram com a celebridade. Marta teria naquele mesmo dia o baile. Só no dia seguinte, antes da viagem de volta, iria até o grupinho ouvir a homenagem pela aluna Zoé Machado Branco.

No baile, um sucesso. A Rádio ZYS7 transmitiu as homenagens, inclusive com discurso do Luciano Correia da Silva, um baiano enaltecendo uma baiana.

As fotos mostram: os casais dançavam e, nas voltas pelo salão, forçavam uma passagem pela mesa da miss, para ver de perto. Diminuíam o ritmo e olhavam.

Até eu, que nos meus 14 anos já podia entrar no Grêmio, quis ver de perto. Me entendi com os garçons e vi a miss de perto, bem de frente, quando coloquei a garrafa de champagne sobre a mesa.

Que frustração. Ela nem me olhou.





Nós, as modelos

Ana Lúcia Chiaradia

O que eu me lembro mesmo é que me arrumei lá no vestiário e desfilei em volta da piscina do Ourinhense com o maiô da Catalina.

Comigo, a Eda Zório, a Dora e outras.

Era noite, a iluminação não era lá essas coisas, mas sei que todo mundo me viu. Ia ter até um bailinho naquela laje que cobria os vestiários. Era um evento importante. Na laje havia o bar e uma área grande onde, apesar do piso de cimento, dava para dançar.

Hoje entendo que era um evento comercial e não um concurso entre beldades ourinhenses. A inauguração das piscinas, em 1958, levou a uma procura muito grande de maiôs. Não tenho certeza, mas posso deduzir que foi uma promoção da Catalina e da casa Alberto, a que vendia roupas finas.

Não foi para mostrar as belezas locais, mas mostrou. Eu tinha escolhido um maiô azul com detalhes em branco. Lá no bailinho, fizemos sucesso: todo mundo queria dançar com as estrelas. Já vestidas, claro.

Das outras não sei, mas fiquei muito orgulhosa do meu desempenho.





No dia seguinte, o representante da Catalina foi procurar minha mãe: queria autorização para que eu posasse profissionalmente para a marca, em São Paulo.

Mas naquele tempo, meninas com namorado ciumento, irmão bravo e mãe protetora não tinham muitas chances em carreiras mundanas...





O dentista assassino

Ana Lúcia Chiaradia

Sei que esse caso todo mundo se lembra.

Sei que era 24 de agosto. Não me lembro o ano.

Sei do dia porque é aniversário de minha sobrinha e o dia em que Pompeia foi dizimada.

Eu estava no jardim (agora Praça Mello Peixoto) sentada num lugar que não estava acostumada.

Era um banco que dava pra rua São Paulo. Tinha alguém comigo, mas não me lembro quem. Talvez estivéssemos olhando para as portas da loja “Ao Preço Fixo”. Tudo calmo, normal, quase almoço.

De repente ouvi um barulho forte, seco.

Depois uma correria e gente gritando. Não dava para entender o quê. E mais gente chegando.

O Miguelzinho, dentista, tinha dado um tiro no sogro, seu Lúcio, pai do nosso amigo Zé Lúcio.

Ele batia muito em sua filha, foi reclamar e levou uma bala. Foi assunto por muito tempo.





Coincidência?

Maria Alice Carvalho

— Maria Alice, Maria Elisa venham para cá!
Chega de subir na balança!

A Drogasil, em Ourinhos, foi a primeira farmácia (e por muito tempo a única) a ter uma balança, daquelas de ponteiro. Era diversão para algumas pessoas na cidade se pesar lá. E a criançada abusava.

Mas o que chamou a atenção do gerente, seu Mário, o meu pai, foi o nome das crianças, Maria Alice e Maria Elisa. Foi falar com dona Lurdes:

—Nossa! A senhora nem imagina como fiquei emocionado! Tenho duas filhas que também se chamam Maria Alice e Maria Elisa. Faz quase 4 meses que não vejo minhas meninas. Estou com muita saudade!

E se apresentou: tinha sido gerente da Drogasil em Bebedouro, foi transferido para Ourinhos e estava esperando a família chegar de mudança.

Só Ourinhos mesmo, para ter uma coincidência dessas. Sinal de boas-vindas.

Até hoje eu tenho uma grande amizade com a minha Xará. Fazemos parte de um grupo batizado por mim como GAF, Grupo de Aposentadas Felizes.

